

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA IMAGÉTICA DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gislene Aparecida Assalin
UEMS

gi_assalin@hotmail.com

Sonia Filiú Albuquerque Lima
UEMS

soniafiliu67@gmail.com

4

Resumo: O estudo teve como objetivo analisar o discurso sobre o incentivo da autoestima do estudante negro a partir da observação e problematização discursiva de imagens de representação do negro no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental. Não se pode negar que a sociedade brasileira é racista e preconceituosa e a mudança desse cenário passa necessariamente pela formação dos alunos na escola. A metodologia foi a análise do discurso sobre fotografias e desenhos presentes no livro da Editora Saraiva que retratam o negro. Salienta-se que este livro didático é, segundo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o livro mais distribuído nas escolas públicas. Considerando que a Lei nº 10.639/2003 determina, em uma proposta para a educação étnico-racial, a inclusão do estudo da história e cultura afro em todo currículo escolar, buscou-se analisar se persiste o discurso de imagens estereotipadas do negro. A análise do livro didático utilizado no PNLD/2017, mostrou que, as determinações legais para ascensão de uma educação antirracista parecem reverberarem no livro didático que apresenta uma pequena evolução nesse sentido, mas ainda é papel do professor problematizar e discutir as representações estereotipadas que ali persistem, bem como elaborar atividades que valorizem e fortaleçam a identidade negra em sala de aula.

Palavras-chave: Discurso, Educação Étnico-Racial. Racismo. Livro Didático. Representação Imagética.

Introdução

A temática que se propõe como objeto de estudo é analisar questões sobre a autoestima do estudante negro na escola. Acerca desta problemática questiona-se: como é discutido o processo de construção da autoestima e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem escolar na contemporaneidade?

Segundo Rousseau (2002, p. 10) o homem nasce bom, a sociedade que o corrompe. Neste pensamento, a escola tem o papel fundamental de fazer com que cada vez mais essa corrupção seja minimizada, principalmente no que diz respeito às relações sociais. Ou seja, a escola pode contribuir a sociedade a construir seres humanos mais “conscientes” nas relações entre si, respeitando as diferenças que são tão naturais ao homem na mesma medida que são simbólicas também. Assim, para Vera Neusa Lopes, a

escola tem por fim último “construir a cidadania numa sociedade pluriétnica e pluricultural” (2005, p. 190).

Segundo a professora:

É preciso insistir sempre que a sociedade brasileira é preconceituosa e discriminadora em relação à sua população. Em decorrência, o modelo de educação não tem sido inclusivo, ainda quando permita a entrada de todos na escola (Ibid., p. 187).

A formação da identidade do educando é constituída a partir do convívio social, no âmbito familiar, escolar, crença, etc. Para Munanga (2005), “nem todos nós cidadãos fomos preparados para viver e/ou conviver com a discriminação acerca da diversidade cultural”.

Portanto, as manifestações discursivas e imagéticas de discriminação são fatores relevantes a serem estudados, pois produzem efeito de sentido na e pela formação do indivíduo enquanto sujeito. A baixa autoestima produz sentidos nos sujeitos e a interação dos educandos entre si, e a construção da sua identidade podendo refletir em toda sua vida.

Tem-se como autoestima, segundo o dicionário Aurélio, sendo o “apreço ou valorização que uma pessoa confere a si própria, permitindo-lhe ter confiança nos próprios atos e pensamentos”. Todavia, se o discente não é bem visto ou significado discursivamente pela tonalidade da cor da sua pele, como este mesmo aluno terá confiança em si mesmo?

A sociedade brasileira tem sua população constituída por enorme diversidade de etnias. Há originalmente o índio ou primeiros habitantes/povos originários, seguido do europeu, do africano e, resumidamente o oriental, na formação dessa população pluriétnica. Desses, sabidamente, o que mais sofreu e sofre nas relações intersociais é o afrodescendente, principalmente, pela sua historicidade vivida desde a África, passando pelos navios negreiros, a escravidão e findando em uma desastrosa pseudo-abolição da escravatura.

A construção da história do Brasil se confunde com a história do negro no Brasil. Para Gonçalves e Silva (2005, p. 164), “a história do Brasil, enquanto construção de uma nação, inclui todos os povos que constituem a nação. Assim, ignorar a história (...) do povo negro é estudar de forma incompleta a história brasileira”.

O negro marginalizado pela história é o que mais sofre os efeitos de sentido do racismo, preconceito e discriminação, e assim, necessita de uma especial atenção quando na educação escolar. Esta é a visão de Véra Neusa Lopes, como segue:

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir (LOPES, 2005, p. 187).

Assim o cidadão em sua posição sujeito de “conscientizado” terá em alguma medida condições de interferir e promover modificações ou deslocamentos de sentidos significativos na sociedade, extrapolando o que se aprende em sala de aula, para além dos muros da escola, atingindo a sociedade como um todo (Ibid., p. 187 e 188).

Os livros didáticos que circulam nas escolas estão completos de enaltecimento referente aos brancos, no entanto, como os negros são significados nestes mesmos livros? Acreditamos que todos os percursos da história dos negros estão sendo ignorados ou silenciados discursivamente e assim não produzem efeito ou tem dificuldade, no entanto, a história deles completa todas as outras, logo a nossa formação nacional brasileira.

Com a finalidade de encontrar possibilidades de como desenvolver o sentido de autoestima do negro, possibilitando ao mesmo, condição de ser significado e ao mesmo tempo se significando com sentidos de igualdade, é preciso, em alguma medida, desenvolver reflexões e investigar as circunstâncias em que o sujeito aluno negro se encontra no espaço escolar, e como vem sendo conduzida o processo de sua autoestima, ou seja, analisar como o livro didático de Língua Portuguesa de 9º Ano do Ensino Fundamental aborda as questões afro-brasileiras. Logo, esta pesquisa é mais uma entre tantos trabalhos que procuram refletir e fomentar o discurso sobre o pensamento preconceituoso existente no contexto escolar no Brasil.

Para que tudo isso possa ocorrer é necessário um conjunto de medidas capazes de serem efetivas na formação do futuro adulto. A principal delas cuida da abordagem sobre a representação dos negros nos livros didáticos. Assim buscar-se-á em trabalhos elaborados por outros estudiosos subsídios para o desenvolvimento, obtenção de resultados e conclusões acerca do tema abordado.

Portanto a metodologia é analisar a imagem discursiva no/do livro didático utilizado nas escolas públicas, entendendo que a escola tem um papel primordial na formação dos estudantes, futuro cidadão, e que os mesmos estão neste período em fase de desenvolvimento de valores que a eles são significados e representados discursivamente. Para evidenciarmos a nossa problemática faremos uma breve incursão sobre a cultura africana, que faz parte hoje da nossa cultura afro-brasileira.

Racismo, Livro Didático e o Aluno

7

O ser humano, ao nascer sujeito, não sabe de sua cor de pele, não sabe de sua ancestralidade, não sabe de sua identidade, ele vai se constituindo e na vivência sempre se significando. Seu conhecimento construído, inicialmente pela/na família e grupo social, depois pela escola. O seu modo de ser, a sua personalidade é formada representativamente e sempre em estado de tensão conforme a história que o cerca e a influências e estímulos do meio de aprendizado. De acordo com Lopes (2005, p. 188) “As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo”.

Distante informa que “a identidade de uma pessoa [...] seja semelhante ou até mesmo possa identificar-se com o modo de ser, de viver e de falar de um determinado povo ou de uma determinada comunidade” (apud ANDRADE, 2005, p. 120).

O sentido de rejeição do negro em relação a sua própria identidade frequentemente é construído de alguma forma desde criança fase a afirmação de um lado e a pressão negativa de outro, pois diante de uma sociedade discriminatória dividida em classes, que não dá relevância ao contexto histórico, há pressão para o infante signifique dentro de si pontos negativos que acabam por produzirem efeitos em sua vida. É nesta fase que toda a formação de cidadão pode comprometer ou não a imagem de si, no entanto, sempre há trajetos e caminhos de ressignificações, pois “podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação aos povos e nações” (LOPES, 2005, p. 188).

Deve ser combatido o racismo desde a época escolar, isso é valorizar o ser humano. Segundo Lopes (2005, p. 187), “o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana”.

Quanto mais sentidos de referências positivas uma criança tiver de seus

ancestrais, mais será positiva a sua construção interna enquanto cidadão, pois “o aluno em processo de formação, desde cedo, deve conhecer sua história e sentir orgulho de seu povo” (ALMEIDA, et. al., 2014). Ainda sobre isso, Andrade reforça que:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (ANDRADE, 2005, p. 120).

A importância de a criança ter referências positivas de seu povo, ainda na infância é reforçada por Andrade ao dizer que “Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial” (Ibid., 2005, p. 120).

Essas referências podem ser construídas através daquilo que ela aprende ou não em sala de aula e com que sentidos, por meio dos livros didáticos. A representação dos seus ancestrais com sentidos pejorativos ou mesmo depreciativos, nestes livros, faz com que a criança possa negar ou de outra forma reafirmar, sempre em sua relação tensa de sentidos, a sua própria etnia, o seu próprio passado, a sua própria existência. No entanto, há formas diferentes de significar e significar-se, o mesmo discurso pode produzir efeitos diferentes, por exemplo, diante de uma condição de produção de sentidos negativos, o aluno pode tanto negar se reafirmando ou mesmo sofrer efeitos e assimilar os sentidos.

Ficando assim a criança a mercê do que lhe é ensinado na escola por meio dos livros didáticos. Principalmente no ensino público, o livro didático é basicamente a única fonte de consulta para o professor.

É imprescindível que a escola, através de seus livros didáticos, estimule a construção de uma imagem positiva do negro na consciência do aluno, pois, “muitas vezes, é o próprio livro didático que reproduz o preconceito e a desvalorização de outros modos de vida” (ALMEIDA, et al., 2014). Nele também, “verifica-se a omissão da participação do negro na sociedade, como se o mesmo não fizesse parte da história, como se não tivesse contribuído e lutado para chegar aos direitos que hoje buscam desfrutar” (Ibid.). Há de se considerar que a escola antes de ensinar, precisa se formar e de ressignificar de sentidos negativos também. O professor é parte constitutiva da sociedade, não está além do “bem e do mal”.

Ocorre justamente o contrário nos livros didáticos, o que Ana Célia da Silva

chama de branqueamento. Isto acontece ao,

[...] veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais [...] (SILVA, 2005, p. 23).

Assim, é preciso “positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras” (ANDRADE, 2005, p. 120).

Em verdade o que ocorre é o contrário, o negro é simplesmente posto nos livros didáticos com a única finalidade de registrar sua existência (SILVA, 2005, p. 21).

O professor Dos Anjos ao fazer uma análise sobre falta de abordagem da geografia negra africana, nos livros didáticos, como elemento motivador da aceitação do negro no Brasil, afirma que

O sistema escolar tem sido estruturado para a perpetuação de uma ideologia sócio-político-econômica que, junto com os meios de comunicação social, mantém uma estrutura classista, transmissora de valores distorcidos e individualistas. Primeiro, são os livros didáticos, que ignoram o negro brasileiro e o povo africano como agente ativo da formação geográfica e histórica (DOS ANJOS, 2005, p. 174).

E mais, o autor afirma que o livro didático não raras vezes tem um papel importante na aprendizagem do aluno de temas e conceito errôneos. Isso aparece muitas vezes de forma velada ou até mesmo explícita. Diz o autor que não se pode mais aceitar que o negro seja representado quase que exclusivamente na figura do escravo, o do menos favorecido, pois “a herança cultural trazida da África constitui a matriz mais importante da cultura popular brasileira”. (Ibid., p. 177).

Ao discutir a importância da inclusão do tema Africanidades Brasileiras nos currículos escolares, Gonçalves e Silva questiona a respeito de tratar-se de uma nova disciplina ou apenas de uma área de pesquisa. Independente da resposta, a autora afirma em um campo de estudos que pode ser inserido em todas as disciplinas.

O negro não somente tem sido tema na literatura brasileira. Sabemos todos que muitos têm criado, sendo inúmeros nossos escritores

descendentes de africanos. Interessante será estudantes poderem comparar a visão dos escritores negros, com a de outras etnias, sobre questões que afligem a população negra, ou que constituem razão de alegrias ou tristezas para pessoas de qualquer etnia. Será importante compararem obras de afro-brasileiros com a de africanos (GONÇALVES E SILVA, 2005, p. 164).

Na literatura o negro teve sempre destaque. Vários literatos brasileiros encontram-se entre os, historicamente, mais lidos. Como a maior expressão do meio, tem-se Machado de Assis, criador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Este autor destacou-se por dar vida a personagens negros vivendo a realidade do dia-a-dia de sua época. Importante destacar isso, pois “interessante será estudantes poderem comparar visão de escritores negros, ou que constituem razão de alegrias e tristezas para pessoas de qualquer etnia” (Ibid., p. 164).

O nosso país é uma nação essencialmente racista e isso se deve ao fato de que não se valoriza os aspectos culturais do negro em âmbito escolar, também temos que considerar que toda relação é mediada e constituída pelo poder e reconhecer o outro e dar poder de igualdade a ele, e um outro com poder de igualdade, o sentido de branco europeizado fica em simetria tendo que disputar com o negro em posição de igualdade. É importante que o tema seja abordado de forma positiva, de modo a sobrelevar a visão que a sociedade tem sobre os negros, destacando todas as funções desempenhadas e sua contribuição na constituição do povo brasileiro. Assim, a formação da autoestima do negro no Brasil, passa obrigatoriamente pelas cadeiras escolares, lugar de formação do intelecto e da cultura de um povo.

História, Lei e aceitação social do Negro

No ápice da tentativa de conceituação de raça, entre os séculos XVIII e XIX, os cientistas naturalistas chegaram à definição de raça como classificação de grupo. Se os estudos se delimitassem a isto, não ocasionaria problema nenhum, segundo o pensamento de Munanga (2003). Entretanto, o problema foi classificar as raças a partir da hierarquização. Para melhor entendimento Munanga define a problemática:

Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer

uma escala de valores entre as chamadas raças (MUNANGA, 2003, p.5).

Portanto, a definição de raças humanas foi uma invenção. Essas definições seria uma forma clara de dominar outros povos, e especialmente os negros, para a exploração braçal. Foi açoitando os negros no litoral africano, para o tráfico negreiro, que os portugueses expandiram seu comércio, preponderando por séculos.

Todo o sofrimento, vivido pelos negros aprisionados na África para tornarem-se escravos nas Américas, aconteceu entre os séculos XV e XIX, desde a travessia dos navios pelo Oceano Atlântico. O transporte era executado de forma desumana, pois o transporte de escravos já visava à lucratividade. No Brasil o cenário de exploração não foi diferente, pois a escravidão aqui consistia, invariavelmente, em violências, abuso de poder e exploração sexual.

Foram por centenas de anos que os negros trabalharam como escravos no Brasil. Durante a colonização, muitos negros fugiram das fazendas devido à exploração e maus tratos, e se organizavam em grupos formando os quilombolas, por exemplo, a comunidade Palmares. A figura mais emblemática entre os escravos no Brasil Colônia foi com Zumbi dos Palmares. Foi principalmente com ele que a raça negra ganha força. Por não aceitar a condição de escravo, este líder combateu e resistiu bravamente aos coronéis da época.

Devido a luta, a fugacidade dos negros tornou-se crescente, e restou à Princesa Isabel assinar a Lei da Abolição da Escravatura. Esta afirmativa é contraditória nos livros didáticos, pois neles, a Promulgação da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel teve o intuito de abolir a escravidão no Brasil, tornando os negros livres. Porém, autores dizem que o verdadeiro motivo dessa lei foi pelo fato de que não mais havia negros disponíveis para o labor. Assim sendo, a importância histórica desse bravo ato da princesa perde seu valor, pois assim, deixa de ser um ato de reconhecimento de liberdade ao negro.

Diante da liberdade poderíamos ter homens e cultura livres diante de qualquer discriminação, mas o que temos são crianças negras desmotivadas e tristes com o contexto histórico que é contado nos livros didáticos. Nestes, não se enaltece a cultura africana, a luta de homens para viver em sociedade. “Apesar de a abolição ter acontecido, esse fator não fez com que a discriminação racial deixasse de existir no contexto social e que ainda tem forte presença na sociedade atual” (ALMEIDA, et. al., 2014).

Apesar da abolição da escravatura, o Brasil caminhou a passos curtos e lentos no sentido de incluir os afrodescendentes na sociedade brasileira. A possibilidade de criação

de leis que obrigassem as oportunidades da cultura negra na escola só teve existência em passado recentíssimo.

Neste contexto promulgou-se a Lei nº 10.639/2003. Esta lei teve como objetivo assegurar a inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Em verdade essa lei altera dispositivo da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no sentido de que

incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Assim, percebe-se claramente que a intenção principal desta lei editada há mais de 14 anos era assegurar o direito dos alunos, brancos ou negros, estudar a cultura afro-brasileira dentro do espaço escolar. Conforme esclarece Gonçalves e Silva,

A finalidade primeira diz respeito ao direito dos descendentes de africanos, assim como de todos os cidadãos brasileiros, à valorização de sua identidade étnico-histórico-cultural, de sua identidade de classe, de gênero, de faixa etária, de escolha sexual (GONÇALVES & SILVA, 2005, p. 156 e 157).

Parafraseando a autora, estudar a cultura afro-brasileira é reconhecer a contribuição cultural e valorizar a história que fez e faz parte do nosso dia-a-dia (Ibid., p. 164 e 165).

Portanto a diversidade cultural africana retrata as diversas etnias africanas que falavam idiomas diferentes e tradições distintas e contribuíram para a nossa cultura brasileira. Diante de um vasto leque cultural, a dança, a música, a religião, a culinária e o idioma formaram a cultura afro-brasileira.

Assim, esta cultura é de uma riqueza sem fim, e isso foi incorporado em solo tupiniquim por aqueles escravos trazidos para o Brasil. Entretanto sabemos que os colonizadores anularam esta cultura através de um forçoso batizado e da prática ao catolicismo.

Frequentemente, a alusão do negro, na contemporaneidade, é de um passado escravista, onde não se tem uma referência positiva quanto a sua cultura e raízes. Os livros didáticos, conforme já mencionado, não faz menção de quanto foi necessária a força do

homem negro para assegurar seus direitos adquiridos e a construção do país. “Se a história ensinada na escola souber contemplar também a vida vivida no dia-a-dia dos grupos menosprezados pela sociedade, então, estaremos ensinando e aprendendo a história brasileira integralmente realizada” (Ibid., p. 164 e 165).

Como poderia a criança que está ainda em formação, ver como positivo ter a cor da pele negra, se aquilo que ela aprende em sala de aula é a representação do negro estereotipado como pessoas inferiores na sociedade? Essa representação estigmatizada só poderia causar aos negros a baixa estima de sua raça. E não só isso, os alunos ditos brancos também aprender a ver o negro como um ser inferior.

É o que diz Silva, quando afirma que os próprios professores têm baixa expectativa quanto à capacidade dos alunos negros:

As origens dessa baixa expectativa podem estar na internalização da representação do negro como pouco inteligente, “burro”, nos meios de comunicação e materiais pedagógicos, um estereótipo criado para justificar a exclusão no processo produtivo pós-escravidão e ainda na atualidade. A visão dessa representação pode desenvolver também nos alunos não negros preconceitos quanto à capacidade intelectual da população negra, e, nas crianças negras, um sentimento de incapacidade que pode conduzi-las ao desinteresse, à repetência e à evasão escolar (SILVA, 2005, p. 26).

Então, como a história do negro vindo da África foi desastrosa e o Brasil até o presente milênio não tinha efetivado uma lei que garantisse a valorização do negro na aprendizagem escolar, o país editou recentemente norma que obrigasse a correção de tal distorção.

Com isso, a escola se viu, e se verá, na obrigação de realizar nova abordagem do negro na sociedade brasileira em todos os seus aspectos. Isso fez, e fará com que as crianças passem a reconhecer o real papel e a real contribuição do negro na história do Brasil. A aceitação do negro se fará de uma forma mais irrestrita, e os alunos poderão mais facilmente aceitar-se com relação a seus ancestrais, sua história, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes de que não há motivos para uma sociedade racista.

Análise da representação imagética do negro nos livros didáticos e o papel do professor

A representação do negro nos livros didáticos sempre foi motivo de discussão acadêmica (SILVA, 2011, p. 25). Normalmente, os livros de apoio ao ensino escolar vêm trazendo os negros representados em funções ou situações depreciativas, não condizentes com a realidade atual da sociedade.

Ana Célia da Silva, em sua tese de doutorado, teve “como objeto de investigação a representação social do negro no livro didático de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental de 1º e 2º ciclos, da década de 90 e os autores dos textos e ilustrações desses livros” (Ibid., p. 13).

Para elaborar esse trabalho Silva analisou quinze livros da década de 90, e os comparou a livros por ela analisados na década de 80. Para a professora houve evolução na representação do negro em apenas cinco livros, nos quais “revelaram mudanças significativas no que tange à representação do negro” (Ibid., p. 33).

Além disso, os negros foram ilustrados sem aspecto caricatural, não estando associados a estereótipos animais, deixando na grande maioria das vezes de serem vinculados a papéis subalternos na sociedade, sem serem estigmatizados.

As crianças representadas negras vão à escola, têm amigos de outras raças/etnias e interagem com elas sem subalternidade. Praticam atividades de lazer. Não são apenas más, como outrora. Praticam travessuras e boas ações, são elogiadas e recebem adjetivação positiva por parte de adultos não negros. Foram localizadas em lugar de destaque em grande parte das ilustrações, tais como, no centro, em primeiro e segundo lugares (Ibid., p. 33).

Apesar disso, Silva concluiu que “[...] os livros didáticos de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental da década de 90 continuam invisibilizando o negro” (Ibid., p. 137). Ela baseia tal afirmativa no fato de que na análise foi observado que os brancos foram ilustrados 1.360 vezes, ao passo que os negros apareceram apenas 151 vezes.

Tendo a pesquisa de Silva como inspiração, este trabalho analisou quanto a representação imagética do negro em um livro de língua portuguesa do 9º Ano do Ensino Fundamental, utilizado na rede pública estadual de ensino em Campo Grande, MS.

Foi selecionado o livro didático de Língua Portuguesa da Editora Saraiva, com título “Português Linguagens”, 9ª Edição, reformulado, ano 2015, que teve como autores Willian Cereja e Thereza Cochar. Este livro foi, segundo o Programa Nacional do Livro

Didático – PNLD, o mais distribuído no ano de 2017, contando com 1.255.918 exemplares espalhados pelo Brasil.

Na análise deste, pôde-se observar que logo na capa e no sumário o negro não apareceu em nenhuma imagem lá constante. Na totalidade do livro, as imagens representaram o negro apenas 16 vezes (p. 17, 67, 82, 96, 107, 127, 150, 158, 200, 201, 203, 213, 244, 250, 260 e 267). Por outro lado o branco apareceu em 148 figuras.

Na maioria das vezes os negros são representados em situações de igualdade com relação aos brancos, não aparecendo de forma pejorativa, exercendo trabalhos ditos inferiores, ou em situações vexatórias.

Interessante observar o que foi exposto na página 232, onde é abordado o tema “Violência Social”. Durante essa discussão há uma imagem em que se retrata um roubo, que é nessa imagem praticado por pessoas brancas. Isso demonstra um cuidado em não expor o negro em situação depreciativa, certamente, em livros do século passado, os assaltantes seriam representados por negros.

Outro apontamento importante é o exposto nas páginas 210 até 214. Aí os autores abordam especificamente o tema racismo, e propõem aos alunos uma produção texto: “Brasil: um país sem preconceito?”. Para alimentar os educandos de informação, o livro apresenta reportagens, e ilustrações que em sua grande maioria são extraídas da internet e falam sobre fatos ocorridos na realidade que demonstram atitudes de racismo.

Já na página 244, o livro aborda o fato de crianças estarem nos semáforos, fazendo algo a troco de contribuições para ajudarem na renda familiar. Nessa ocasião, há duas crianças negras e duas brancas, onde as primeiras estão fazendo malabarismo e vendendo doces, já as outras duas, brancas, estão limpando vidro de carros e vendendo doces. Com isso os autores procuraram demonstrar a realidade de algumas crianças brasileiras, sem expor exclusivamente os negros nessa situação.

Silva (2005, p. 23), afirma que com relação às pesquisas realizadas em décadas passadas,

A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média.

Apesar de verificar uma melhora significativa da representação do negro nos

livros analisados, vê-se ainda uma prevalência suprema das ilustrações dos brancos, o que reafirma o fato de que ainda não se cumpre com a obrigação de tratamento igualitário entre as raças.

Em conta dessas observações, ficou evidenciado que a imagem do negro representado no livro didático ainda é posto de forma secundária com relação ao branco, como se lá estive somente para que se fizesse um registro de sua existência. Só poderia se chegar a esta conclusão, posto que o branco aparece no livro analisado nove vezes mais do que o negro.

Assim, percebe-se que só o livro didático não é o suficiente para essa reconstrução do sentido da figura negra, o professor também tem papel fundamental nesse processo, e vários autores apontam nesse sentido. Dito como facilitador, “esta pessoa tem que ser ou estar livre dos estereótipos arraigados na sociedade brasileira e que corroem como metástase o corpo da sua diversidade racial” (ANDRADE, 2005, p. 122).

Hasenbalg, afirma que “Por sua vez, o racismo, a discriminação, impregnam o cotidiano das pessoas. Eles estão na cultura, introjetada pelos professores, que têm uma expectativa negativa dos alunos negros” (apud SILVA, 2011, p. 91), o que confirma o papel fundamental na mudança da abordagem no tema racismo na escola.

Para a educadora SILVA,

O sistema de ensino brasileiro, com seu currículo eurocêntrico e seus materiais pedagógicos, a não ser nos espaços da sala de aula, onde o currículo pode ser construído pluricultural, a partir da atuação de determinados professores, pouca vontade política tem de representar a diversidade étnico-racial e cultural do povo brasileiro (Ibid., p. 94).

O professor ao abordar o tema racismo, deverá passar pela cultura dos países africanos. Gonçalves e Silva (2005, p. 155) ao refletir sobre o tema africanidades brasileiras, diz que está se “referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana”, própria dos negros brasileiros.

Assim, seria necessário “uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental”, que dê a ele “as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos matérias pedagógicos” (SILVA, 2005, p. 22). Portanto,

O professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos

se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão (Ibid., p. 24).

Dos vários propósitos elencados pela autora em se estudar as africanidades brasileiras, destacam-se dois. É necessário que as inserções desse tema nos currículos escolares “permitam aprender a respeitar as expressões culturais negras que, juntamente com outras de diferentes raízes étnicas, compõem-se a história e a vida de nosso país” e “situem histórica e socialmente as produções de origem e/ou influência africana, no Brasil, e proponham instrumentos para que sejam analisadas e criticamente valorizadas” (GONÇALVES & SILVA, 2005, p. 157).

Segundo Gonçalves e Silva, “para aprender o ponto de vista dos negros brasileiros é preciso estar disposto a vislumbrar o que sua memória guarda” (Ibid., p. 169), por isso, “o Brasil precisa de professores dispostos a fazer a *revolução das pedagogias*” (LOPES, 2005, p. 200, grifo do autor), e mais, talvez “um dos caminhos é a elaboração do seu próprio material instrucional” (DOS ANJOS, 2005, p. 178).

Assim, o mestre tem por obrigação romper com a visão estigmatizada do negro, procurando da melhor maneira possível produzir o conhecimento em sala de aula, de modo a construir coletivamente o saber (LOPES, 2005, p. 185 e 186). Isso permitirá “o alargamento de seus horizontes culturais e, por consequência, uma nova visão de mundo em que todos perdem com a (sic) prática do racismo, sentimentos de preconceito e ações de discriminação racial” (Ibid., p. 186), conduzindo o aluno a efetivação de uma verdadeira cidadania.

De outro modo,

[...] o professor deve, ao encontrar no livro certos trechos discriminatórios, trabalhar com seus alunos a construção de novos conceitos, de valorização da cultura negra, da beleza negra, enfim, inúmeras formas de realizar um trabalho em que sejam desmistificadas certas concepções que se tem, promovendo, assim, a construção de uma identidade nos seus alunos com um novo olhar ao outro e o respeito às diferenças (ALMEIDA, et al., 2014).

Como uma solução remediadora da realidade dessa exposição do negro no livro didático, Silva dá algumas sugestões. Por exemplo,

[...] nas ilustrações dos livros didáticos pode ser corrigida, solicitando-se à criança que descreva outras atividades exercidas pelas mulheres e homens negros que constituem sua família, que moram na sua rua, que freqüentam seu local de encontros religiosos e de lazer, etc. Nessa oportunidade, convém fazer a criança identificar a importância das profissões estigmatizadas, mostrando a sua utilidade para a sociedade (SILVA, 2005, p. 25).

E continua, dizendo que

Outra sugestão é mostrar e solicitar que indiquem obras de artistas, escritores, poetas, jogadores e pessoas da comunidade negros e negras, como meio de visibilizar o positivo, contrapondo-se ao estereótipo (Ibid., p. 26).

O mestre em sala de aula, diante das demonstrações de sentidos racistas dispostas nos livros didáticos, pode propor aos alunos que redesenhe ou reescreva as situações, comparando-as à realidade vivida por eles no seio familiar, em suas ruas, bairros, e até mesmo dentro da escola (Ibid., p. 30). Isso fará com que o aluno passe a ter uma visão mais crítica daquilo que está vendo no livro didático. Também o aluno poderá trabalhar no sentido de recriar os conceitos intrínsecos nas imagens que representam os negros, de forma a estimular seus pensamentos com relação aos acontecimentos sociais que lhe abarcam.

Essas mudanças podem concorrer, em grande parte, para a construção da autoestima e autoconceito da criança negra, para a aceitação e integração com as crianças pertencentes à sua raça/etnia, uma vez que a internalização de uma representação inferiorizada pode produzir a autorrejeição e a rejeição ao seu outro assemelhado, bem como para o reconhecimento e respeito ao negro por parte dos indivíduos de outras raças/etnias (Id., 2011, p. 13).

Assim, ao professor cabe redesenhar os contornos apresentados nos livros didáticos quanto às imagens preconceituosas, para que possa formar cidadãos aptos a construir uma sociedade sem preconceitos.

Considerações finais

As crianças e adolescentes em sala de aula são susceptíveis a absorver conceitos,

valores e diante das representações sociais sobre a alteridade, podem construir suas identidades. O que se ensina para eles poderá ser levado para o resto de suas vidas. Ensinar que todos são diferentes, mas não desiguais por conta de cor de pele, origem ou classe social, é de extrema importância na construção de uma sociedade mais justa, pois o Brasil é um país racista por sua história e esse cenário pode ser mudado a partir das cadeiras escolares.

O livro didático é, não raras vezes, a única fonte de informação utilizada em sala de aula. Por isso é importante que seja dado destaque àquilo que está posto nele, haja vista que com ele se formam cidadãos.

O aluno negro, ao ver seus antepassados retratados em posições inferiores com relação ao branco, não tem perspectiva para desenvolver sua autoestima. Assim, ele aprende a colocar-se em posições inferiores na sociedade e negar sua própria história e sua própria existência, por ser, repetidas vezes, inferiorizada. Além disso, os próprios alunos brancos aprendem também que, diante dos negros, estão em posição superior socialmente falando.

O Brasil foi formado com o suor do rosto daqueles trazidos como escravos da África e nunca se deu aos africanos o reconhecimento merecido. O país não elegeu formas de elevar a cultura afro-brasileira à altura que ela merece. Apesar de recente mudança legislativa, que teve como finalidade corrigir isso na formação escolar, o país ainda caminha a passos curtos nesse sentido. A história e a cultura do negro merece destaque nos livros didáticos.

Nas décadas passadas o negro era representado nos livros didáticos por meio de ilustrações que os colocavam em posições inferiorizadas e excluídas da sociedade, ou melhor, à margem da sociedade. Não só isso, por vezes o negro aparecia com forma caricata, ou pior, em formas animais. Além disso, e o que mais representa a discriminação constante no próprio material didático é a quantidade de vezes que o negro aparece nas ilustrações comparado com os brancos. Isso, obviamente, coloca o afro-brasileiro em situação de esquecimento no livro didático.

Após a singela análise do livro didático apresentado neste trabalho percebe-se que apesar de uma pequena evolução na disposição dos negros nas imagens do livro didático, ainda são representados de forma mínima, como se os autores quisessem somente registrar a existência do negro no mundo, sem abordar e valorizar as características, costumes e cultura daqueles que foram e que são essenciais na formação

a nação brasileira.

Por esse motivo, o professor é o personagem principal na formação do aluno, sobretudo no que diz respeito ao combate contra o racismo. O professor é aquele que tem as ferramentas pedagógicas nas mãos para mudar a mensagem pejorativa que o material utilizado em sala de aula pretende passar às crianças. Para isso, o mestre em sala deve estar atento, longe dos estereótipos criados pela sociedade e esforçar-se ao máximo para produzir conteúdos sobrepondo-os ao livro didático, no sentido de melhor conduzir a formação daqueles que estão sedentos por informações, sempre longe dos preconceitos arraigados na sociedade, demonstrando que todos são diferentes, mas não desiguais, ou não hierarquizados.

O caminho está aberto e passa pela construção de uma sociedade em que todos nós queremos viver e, invariavelmente, essa construção está em grande medida nas mãos do professor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josefa Raquel Pereira; et al. **Racismo na Escola: o livro didático em discussão**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_27_09_2014_13_03_03_idinscrito_590_15c1e78642cbe72d9819ff3699a750e4.pdf>. Acesso em: 17 Ago. 17.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a Auto-Estima da Criança Negra**. In: MUNANGA, K. (org). Superando o racismo na escola. 2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/autoestima>>. Acesso em: 10 Ago. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 11 Ago. 2017.

DOS ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **A Geografia, África e os Negros Brasileiros**. In: MUNANGA, K. (org). Superando o racismo na escola. 2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras**. In: MUNANGA, K. (org). Superando o racismo na escola.

2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso. Princípios e procedimentos*. 5ª. Ed. Campinas-SP: Pontes, 2016.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, K. (org). *Superando o racismo na escola*. 2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

_____. **Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raca, Racismo, Identidade E Etnia**. 2003. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 12 Mar. 17.

Portal da Cultura Afro-Brasileira. **A Cultura Africana**. Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_I.php>. Acesso em: 28 Ago. 17.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. L&PM, 2008.

SILVA, Ana Célia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático**. In: MUNANGA, K. (org). *Superando o racismo na escola*. 2ª ed., Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, MEC/BID/UNESCO. 2005.

_____. **A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? por que mudou?**. Salvador: EDUFBA, 2011.